5.º ANO LISBOA—SEXTA-FEIRA, 5 DE JUNHO DE 1925 N.º 1273

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: C. 3:195 Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DIBOA

UM TRECHO DUMA CONFERENCIA

Dostoievski

E O

mundo actual

POR

Joaquim Manso

Quem estuda Balzac, Flaubert, os Goncourt ou Zola entra em contacto com realidades bem definidas—almas, tipos, sentimentos, ideias, paixões ou conflitos morais que se manifestaram como factos, num determinado meio social.

O tempo e o espaço parecem possuir para eles um valor objectivo, material, geometricamente divisivel.

Dostoïevski concentra-se na sua epoca e na sua raça, reduzindo-as á sua obra—o que ele escreve é que é a verdade, mais do que a verdade, a revelação.

Os realistas franceses são observadores sagazes: coleccionam factos, buscam causas, determinam-lhes os efeitos e as consequencias, historiam paixões e emoções em dadas familias ou classes e acontecimentos fabulosos como se fossem historias.

O autor do *Crime e Castigo* visa mais altos fins, propondo-se, não observar para criar, mas criar para observar.

A intuição é a sua faculdade suprema: vê as coisas face a face, sem véus nem intermediarios, atingindo a intimidade dos seres, sem lhes rasgar as carnes nem lhes profanar a beleza natural.

Ha pessoas para quem todas as perspectivas são horisontais: miram tudo sob a forma de panoramas, incluindo os movimentos das multidões.

Se alguem lhes vem dizer que o universo que descortinam e no qual se comprazem não tem maior importancia que um brinquedo de crianças, sorriem-se com o contentamento de quem está na posse da verdadeira felicidade.

Aconselhamos-lhes que não se apaixonem por Dostoïevski, que facilmente perderão as suas ilusões.

Nos seus livros não ha contos de fadas, nem tão poucos idilios em jardins ou grutas pastoris: todos os destinos obedecem a poderes duros e inclementes, que os sujeitam a torturas e provas amarissimas.

Os anos de captiveiro, as interminaveis amarguras que o rodearam na Siberia, como aneis duma serpente, atearam nele uma irreprimivel sêde de movimento.

Pensava comsigo:

«Logo que eu seja um homem como os outros, respirarei a plenos pulmões, devorando a vida como uma locomotiva devora as distancias.»

Imaginava que os dez anos de desterro os recuperaria num festim de sensações exaustivas, de prazeres colhidos num eden.

Enganou-se: apenas se estabeleceu, primeiro em Tver, depois em Saint-Petersburg e Moscow, foi obrigado a reconhecer que toda a terra é um captiveiro.

A ansia de viver do presidiario não obteve satisfação, em parte alguma.

Esta tremenda decepção constitue a materia do seu livro estupendo — um monologo do genio, ao pé da sua sombra — que se intitula o *Espirito subterraneo.*

Leon Chestov não duvida considerá-lo «A critica da razão pura» de Kant posta em desespero e drama humano.

E' a biografia de um pária que a consciencia comum repeliu e que, não se julgando parente de ninguem, se refugia, por assim dizer, no sub-solo da civilisação.

Ele sente que tem contra si todos os homens, a razão, a ciencia, a arte, a moral e o bem estar de todos os homens.

Isso não o aterra: visto que todos são contra um, um será contra todos.

A verdade deixa de ser para ele uma conquista colectiva para se tornar no trabalho obscuro de um só que, no ermo intangivel em que florescem as suas revoltas, clamará:

—«Que me importa a mim que a sociedade, a natureza, a terra e o céo levantem, em frente dos meus passos, as suas leis, os seus obstaculos, os seus muros de pedra ou os seus dogmas, se a minha vontade, o meu querer sem peias, o meu instincto de cidadão das cavernas me sugerem que me ria de tudo isso, afirmando o direito de contradizer os outros e de me contradizer a mim proprio!»

Dostoïevski gostava de desdobrar as figuras que ia creando, pondo, lado a lado, duas manifestações da sua actividade, bem contrarias: umas vezes eram duas pessoas que representavam esse desdobramento, opondo-se uma á outra como o bem e o mal, a saude e a doença, o amor puro e a luxuria, o espirito e a materia; outras vezes a mesma creatura procedia, como se obedecesse a duas vontades, á dois cerebros e a duas sensibilidades.

Pedro Stepanovitch e Stavroguine são o exemplo mais caracteristico desta união desunida, se assim me posso exprimir.

No segundo volume dos *Possessos*, ha um capitulo, o oitavo, intitulado *O Tzarewitch Ivan*, em que estes dois sinistros personagens se confessam um ao outro. Stavroguine—o pensamento, o orgulho aristocratico, o desdem que paira alto a fim de não sentir o estertor das suas vitimas—percebe, emfim, que Pedro Stepanovitch—que representa a acção, o odio social, a revolução dos apetites sanguinarios—é seu irmão, parte integrante e necessaria do seu ser.

—«Mas—com todos os diabos!—para que se agarra você a mim?—vociferou Stavroguine tão surpreendido como irritado. Existe algum motivo secreto para isso, não é verdade? Serei eu o seu talisman?—»

O dialogo vai seguindo, revelador e profundo, até que Pedro Stepanovitch, cujo poder de persuasão é formidavel, sugere ao seu sosia que, para convulsionar a Russia, lançando cem milhões de homens num incendio, ele tem que encarnar a figura do Messias Vermelho—o Tzarewitch Ivan.

Espalhar-se-hia, no meio do povo, a lenda de que uma entidade misteriosa estava por detraz da revolução—o Tzarewitch Ivan.

Este não se mostraria a ninguem, quando muito a um, entre cem mil homens.

A sua palavra, passando de boca em boca, iluminaria as almas credulas.

Quando alguem preguntasse onde morava, alcançaria esta resposta:

—«Esconde-se, até que chegue o seu dia».

Entretanto, o mito da sua existencia cresceria, enchendo a terra de fulgores e de trevas.

Stavroguine e Stepanovitch foram concebidos por Dostoievski como Cervantes sonhou e realizou D. Quixote e Sancho Pansa — elementos da mesma naturesa, parcelas da mesma consciencia.

Este espantoso livro—*Os Possessos*, proibido agora na Russia pelo governo dos Soviets, porque ele representa para a revolução o mesmo que a obra de Cervantes para a cavalaria—ou seja a sua tragedia escrita em linguagem comica—encerra a confirmação plena destas palavras de Dostoievski:

—«Gosto do realismo, um realismo tangente ao fantastico. O que para os outros é o fantastico para mim constitue mesmo a essencia do real».—Ha nesse livro paginas e capitulos em que desaparece a noção corrente da vida ordinaria, cavando-se nela ravinas e vales enormes onde só poderão caminhar, criaturas excepcionais—homens feitos fantasmas.

Quando Chatov—outro personagem dos *Porsessos* irmão gemeo, mais adverso de Kirilof—se sente mais abandonado de afeições, todavia mais crente que nunca na Russia—quem é que lhe aparece, no seu pobre quatro, trazida pelas procelas da sorte e pelo desconforto de uma noite frigidissima?

A sua propria esposa com quem casara, na Italia—tecendo um fragil e passageiro romance de amor—romance que ela rompeu poucas semanas depois, para seguir Stavrogime—o D. João da revolução, do crime e da loucura.

Quando a viu diante dos seus olhos iluminados, Chatov que a amava sem a poder esquecer—ele que jámais conhecera o prazer de ter um lar—calculou que era o arrependimento que a reconduzia aos seus braços.

Com que indizivel eloquencia—lagrimas represadas e não choradas, mimos duma suavidade que nenhum carinho humano podia igualar—ele não pronunciou o nome querido: «Maria! Maria! como tu és boa em vir para mim!» Mas a mulher adultera traz no ventre um filho do sedutor. A cena é ridicula ou antes seria dolorosa e ridicula, se o genio de Dostoievski a não convertesse em qualquer coisa de evangelico e abominavel, ao mesmo tempo.

Chatov subjuga a maldição que lhe vem aos labios e perdoa com bondade infinita.

Se ele acreditava na Russia e em Deus—o filho do outro será o seu filho espiritual, para ser ofertado á Russia e a Deus.

Maria, num lampejo de colera, exclama:

«—Stavroguime... que miseravel!»

Era Maria a regressar ao seu passado de amor?

Chatov rejubilava e perdoava, ria e chorava, indistintamente. Apenas ela deu á luz um filho, que momentos antes ameaçava estrangular, pelo odio a Stavogrime—o infame que o traíra—Chatov pergunta-lhe:

—Maria, perdoa, Maria... eu só desejava saber que nome se lhe ha de pôr. Não sei...

—«Ivan, Ivan», respondeu ela com tremor apaixonado, erguendo o rosto banhado de pranto;—como podias admitir que se lhe puzesse um nome qualquer, um nome *odioso?*»

Escuso de acentuar que este Ivan era o tzarewitch Ivan, criação dos nihilistas para Stavroguine encarnar, visto ser belo como um Deus e soberbo como despota.

.....

Destoievski dá para muitas conferencias, muitos livros.

Eu simplesmente desejo frisar, como conclusão:

1.º—que escreveu os mais belos dialogos que um escritor pode travar com sua propria alma, visto que as suas criações são as suas vozes interiores;

2.º—que alargou os limites da realidade, metendo dentro dela zonas obscuras e inhospitas, onde o pensamento humano mal penetrara ainda;

3.º—que a ele se deve a epopeia dos destinos humildes, interpretando a sua dor, ignorada ou esquecida, que ha muitos milhares de anos aguardava um poeta-historiador;

4.º—que não creou herois nem figuras nobres e pomposas, preferindo, auscultar na carne sofredora e amorosa e quasi anonima as repercursões do drama tragico da consciencia moderna.

O Esperanto

O seu papel patriotico

A missão da lingua auxiliar Esperanto é logicamente internacionalisadora e profundamente simpatica.

Ha quem a julgue vermelha; mas esse alguem desconhece em absoluto a base do movimento e não quere ver a razão.

Esse admiravel cosinhado de Zamenhof, como diz o sr. Agostinho de Campos, é de todos e para todos. E' uma lingua auxiliar sem outras pretensões que não sejam fazer que os homens se compreendam.

E' uma utilidade, como a telegrafia e a telefonia; é um bem e só deve servir para bem; e se, o mal a usar para satisfação das suas paixões, não se culpe o Esperanto, mas os que dele se servem, qualquer que seja a sua côr politica e religiosa.

Só por teima, por uma teima muito grande, uma pessoa da envergadura intelectual do engenheiro sr. Fernando de Sousa, póde contrariar a missão pacificadora do Esperanto, o seu alcance humanitario e patriotico.

Quando facciosa, quando sem argumentos que a imponham e justifiquem, onde está o valor da contradição?

Não é patriota o individuo que apregôa patriotismo e o exige dos outros, mas o que o pratica e cultiva.

A ideia patriotica ainda está muito militarisada; para muita gente é patriota o individuo que rouba por robusto direito de conquista. E afinal, quantas vezes esta falsa interpretação de patria dá logar á derrocada daquela mesma que o patriota queria engrandecer. Vide Guilherme II.

Eu tenho a compreensão etnologica de patria, vivo na minha e respeito a alheia. Eis a sintese, num pequeno periodo, do meu anarquico pensar sobre o assunto. E estou bem com a minha consciencia, e a conclusão é logica e as permissas são as melhores, as mais altruistas, cheias de verdade e de amor.

Internacionalisar Portugal, é apresentá-lo ao estrangeiro sob todas as formas brilhantes e dignas.

Como agua mole em pedra dura, hoje que Portugal se colocou, pelo poderoso esforço da sua desorientação, na rectaguarda das nações mais atrazadas, quando não possa honestamente impôr-se pela razão e valor dos seus homens, deve fazer-se lembrar.

Porque despreza o factor Esperanto?

Os dirigentes do movimento, do pequeno movimento português, não querem dinheiro, mas simplesmente facilidades.

No XVI.º Congresso Universal realisado em Viena, a que assistiram delegados de vinte e quatro paizes e se fizeram representar oficialmente os governos da China, Tcheco-Slovaquia, Polonia, Alemanha, Espanha, Holanda e Romenia, e em que Portugal, segundo velho habito faltou, ficou resolvido que a Assembleia dirigente do movimento fosse constituida por delegados esperantistas das sociedades nacionais.

Onde está a nossa sociedade nacional?

Somos hoje, talvez, o unico paiz onde ela não existe.

De quem é a culpa? Minha, que venho de ha anos remando contra a incompreensivel, a estupida maré de má vontade que de todos os lados se levanta e faz ouvidos de mercador ás minhas constantes reclamações e protestos?

Internacionalisar não é desnacionalisar.

Se Portugal tivesse um Coutinho e um Cabral em todas as modalidades da sua vida interna, Portugal estaria internacionalisado, Portugal nunca seria esquecido.

SALDANHA CARREIRA

MUSICA

O concerto

de homenagem

a David de Sousa

e as audições da semana

Politeama

Uma orquestra de arco sob a direcção do grande maestro português Francisco de Lacerda deu inicio ao concerto de homenagem a David de Sousa com a «serenata» em sol, de Mozart, cujo terceiro andamento foi bisado. Francisco de Lacerda dirigiu ainda a sua escolhida falange de instrumentistas, no «Adagio», de Tartini, no «Minuete» e na «Pastorela», de Rameau, no «Tamboririn», de Gluck, na «Saudade», de David de Sousa, no «Abendlied», de Schumann, numa melodia de Grieg, no conhecido «andante» de Tschaikowsky, e no celebre «Momento musical de Schubert, que foi bisado.

Acompanhado pela orquestra, o eminente pianista Varela Cid interpretou com estilo e sensibilidade inegualaveis, o admiravel concerto em dó menor, de Beethowen, recolhendo entusiasticos aplausos.

Corina Freire cantou com o talento de sempre, obras de Scarlatti, Gluck, Martini, Fauré e Respighi.

Audição Costa Reis

Tem por norma este excelente professor de piano, não organisar os programas das suas audições de alunos, segundo o uso consagrado, com obras de compositores e estilos os mais diversos, formando uma mistura sem ordem nem criterio. A primeira das suas duas audições nesta temporada, realisou-se no Salão do Conservatorio, exclusivamente consagrada a Bach, sendo brilhantes interpretes as alunas Beatriz Santos, Ofelia Lopo, Maria Tereza Mayer Garção, Maria Belisa Fonseca, Maria Amelia Miranda Rodrigues, Adosinda Pedroso, e os alunos Luiz Filipe Alagarim e Antonio Luiz de Melo.

Musica de Camara

Continuam os concertos dêsta benemerita agremiação, a unica em Lisboa que exclusivamente se dedica á musica de camara, interpretada por artistas corais, a revestir extraordinario brilho, salientando-se como um dos melhores, o que acaba de ter lugar, sob a regencia de Fernando Cabral. O moço e talentoso violinista e regente, dirigiu uma orquestra de camara que interpretou com invulgar relevo a «suite», em si menor, de Bach, executada na integra, e obras de A. Fernandes, Tomás de Lima e Rui Coelho.

A sr.ª D. Maria de Alarcão cantou com bela voz e expressiva dição, alguns «liéder», tendo-se feito aplaudir pela sua optima interpretação da «Fantasia e Fuga», de Bach, a sr.ª D. Margarida Nunes.

Liga Naval

O concerto da notavel violinista portuguesa, Maria Julia Fonseca, foi esplendido sob o duplo ponto de vista do programa e da execução. A sonata de Pagella que ocupava toda a primeira parte, obra desconhecida em Lisboa, tem nervo e emoção e foi admiravelmente tocada.

Antonina Moreira, a talentosa pianista que acabára de acompanhar a primeira parte, tocou a solo uma melodia do seu eminente professor Timoteo da Silveira, a «Indecisão», de Oscar da Silva, e a «Navarra», de Albeniz.

Em quatro solos: a area de Bach, um andamento de uma sonata, uma belissima balada «du vent qui pleure», de Delune, e um andamento do concerto de Lalo, Maria Julia Fonseca poude evidenciar as mais diversas qualidades de estilo, brilhantismo e sensibilidade no que foi ajudada pela sua formosa qualidade de som e pela sua infalivel tecnica.

De novo acompanhada por Antonina Moreira, a joven violinista deu-nos uma intensa e calorosa interpretação da sonata de Rachmaninoff, cujo andamento central foi especialmente aplaudido.

Andrés Segovia

Já ha anos tinhamos ouvido em Paris um excelente artista, Miguel Llobet, que se propunha reatar a tradição perdida dos admiraveis tocadores de «vilmela», dos seculos XVI e XVII, como concertista, não deste instrumento, que ao contrario do que se imagina, não era o mesmo que o alaúde das côrtes europeias daquele tempo, mas de viola francesa, a guitarra dos antigos musicos de Portugal, como demonstrámos num artigo nestas colunas publicado sob o titulo «guitarristas portugueses».

Excedendo o seu compatriota Llobet, não apenas na tecnica mas ainda na elevada e notavel envergadura de interprete, Andrés Segovia, celebridade mundial, aplaudido nos principais centros de cultura do mundo, faz-nos ouvir na viola todo o repertorio antigo do seu instrumento, assim como da «vilmela» e do alaúde, e ainda peças que os mais modernos compositores, como Carlos Pedrell, Manuel de Falla, Albert Roussel, compuzeram expressamente para ele.

Não nos foi possivel assistir ao primeiro concerto do fenomenal artista. No segundo e ultimo, executou obras de Sor, Giuliani, Pedrell, Llobet, Coste, Mozart, Schubert, Mendelssohn, Torroba, Adolfo Salazar, Roussel, Granados e Albeniz, delirantemente aplaudidas por um escolhido publico.

LUIZ DE FREITAS BRANCO

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Mariana de Almeida Correia de Sá de Lucena, D. Ana Pinheiro de Melo Arruela, D. Helena da Silveira de Vasconcelos e Sousa (Castelo Melhor), D. Camila Zileri Dal Verne, D. Vitoria Braamcamp de Mancelos, D. Maria do Carmo Torres de Avelar Pinto Tavares e D. Regina Bressane de Leite Perry.

E os srs:

Conde dos Olivais, Conde da Penha Longa, Conde da Povoa, D. Manuel Salema, D. Luis Vaz de Almada, Bento de Carvalho Abreu Leite, Ricardo Gião e Fernando José de Vasconcelos

A Caridade

A opereta «Toni»

Noite de verdadeira arte a de quarta feira passada, no teatro Politeama, onde se realizou a anunciada recita de caridade, em que foi representada, por distintos amadores, a lindissima opereta inglesa «Toni», um dos maiores exitos dos teatros londrinos.

A vasta sala do Politeama, repleta de tudo que de melhor conta a nossa aristocracia, oferecia, nessa noite, um dos seus mais brilhantes aspectos, para o que muito concorreram as vistosas «toilettes» de tons claros das senhoras, que punham um contraste no tom negro das casacas.

A opereta «Toni» é um verdadeiro mimo, cheia de levesa e espirito, a sua partitura é, sem contestação, uma das mais inspiradas obras de Hugo Hirsch, um dos cotados compositores ingleses.

O seu desempenho foi magnifico, salientando-se na parte feminina, no canto, a sr.ª D. Maria Herminia Cantillo, que soube dar á parte de «Princesse Stephanie» um alto relêvo, fazendo com a sua belissima voz, de um timbre agradabilissimo, realçar os encantos da partitura; nos personagens «Folly», «Camille» e «Miss Janesson», as sr.ªs D. Leonor Correia de Sá (Asseca), D. Alda Trigoso de Almeida Santos e D. Maria Luisa Trigoso Ravara, deram, respectivamente, a esses papeis, uma interpretação superior, sublinhando com arte todas as passagens, tanto nos numeros de canto como na parte de declamação.

Na parte masculina ocupa o primeiro logar Guilherme Caupers, que o publico de Lisboa tanto apreciou o ano passado em S. Carlos, quando interpretou a peça «A Vinha do Senhor», na qual se saiu brilhantemente do personagem «Jack», ao lado dos artistas da companhia Lucilia Simões, teve na noite de quarta feira na protagonista da opereta «Toni», mais uma vez ocasião de evidenciar os seus meritos artisticos, para esse genero, em que poderei sem receio que me desmintam, afirmar que é superior. Seguem-se os srs. Pedro Paulo de Freitas Branco, Carlos Anjos Diniz, em dois papeis episodicos, que foram impecaveis de graça, tendo o primeiro, já de ha muito consegrado os seus meritos como amador distintissimo e o segundo, que pela primeira vez vimos representar, deu sobejas provas de possuir belas qualidades para o teatro, e os srs. José Maria Correia de Sá (Asseca), Eduardo Marques da Costa Luppi, Salvador Correia de Sá (Asseca), F. Johnson e Afonso Correia Leite, concorreram para o explendido conjunto dando assim uma verdadeira noite de arte.

Os coros apresentaram-se de uma afinação inegualavel.

A enscenação da opereta, feita pela senhora D. Maria Margarida Caupers de Bragança e por seu irmão o actor Guilherme Caupers, era maravilhosa, tendo tirado efeitos brilhantissimos.

Todos os distintos amadores foram vibrantemente aplaudidos, aplausos que compartilharam tambem os ensaiadores a que acima me refiro e o sr. Pedro Antonio de Freitas Branco, que dirigiu a orquestra, a quem se deve em grande parte o exito da recita de quarta feira.

Em vista do sucesso obtido pela opereta «Toni», resolveu a comissão organizadora repetir a referida opereta na noite de segunda feira proxima, devendo os bilhetes para esta recita serem requisitados para casa da senhora viscondessa dos Olivais, telefone central, 161, até amanhã.

D. Nuno.

Recita elegante

Realiza-se ámanhã, no Politeama, a festa artistica do brilhante actor Alexandre de Azevedo, organisada por um grupo de amigos formado pelos srs. Antonio Pais de Sande e Castro, Guilherme Pereira de Carvalho e Eduardo Rosa, na qual subirá á scena, pela primeira vez, a peça «Quando o amor acaba», «Après l'Amour», tradução do nosso amigo e colega Avelino de Almeida, em que o festejado, ao lado da insigne artista Amelia Rey Colaço, terá ocasião de evidenciar os seus belos recursos artisticos.

Em viagem

Vindos do Rio de Janeiro, encontram-se no Palace Hotel da Curia, os srs. João Cardoso Aires e Antonio Ramires da Costa.

—Partiu hoje no «sud-express» para Paris acompanhado de sua esposa o nosso querido amigo Artur Gomes Bebiano.

—Está hospedado no hotel Metropole, vindo do Porto, o sr. Ricardo Spratley.

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos=A's 9=Comp. Mimi Aguglia. «A Inimiga».
Nacional=Não ha espectaculo.
Trindade=A's 21,15=«Mercado de Donzelas».
S. Luis=A's 21,30=«Chic Chic»—Mercedes Serós.
Avenida=A's 21,30=«Era uma vez uma menina...».
Politeama=A's 21,15=«A Massaroca», «O Chapeu de Côco».
Teatro Novo=A's 9=«Knock ou a vitoria da medicina».
Joaquim de Almeida=A's 21=«A Severa».
Apolo=Não ha espectaculo.
Eden=Não ha espectaculo.
Maria Vitoria=A's 20,30 e 22 30=«Rataplan!».
Coliseu dos Recreios=Não ha espectaculo.
Salão Foz=A's 20 45=Variedades e cinema.
Bal-Tabarin Montanha=A's 21=Variedades.
Salão Alhambra=A's 21=Variedades.

RIPOLIN para banheiras

Lisboa Pension Hotel
(Antigo LONDON PENSION HOTEL)
Telefone N. 3409
Novas instalações, nova gerencia; pessoal habilitado e serviço esmeradissimo. Preços equitativos.
Calçada da Gloria, 17

Dr. José de Padua
Consultas das 3 ás 5 h.
Coração e pulmões — Raios X — Avenida, 18

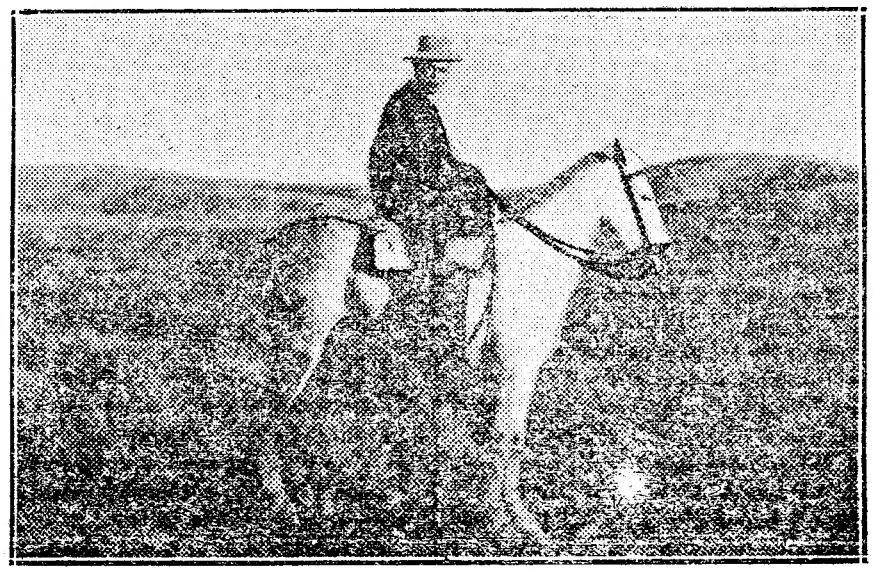
FELICIANA DE CARVALHO
CHAPEUS
GRANDE VARIEDADE DE MODELOS
R. SOCIEDADE FARMACEUTICA, 15, R/C
TELEFONE N. 3.789

Dr. Medeiros d'Almeida
Cirurgião dos hospitais
Doenças dos olhos — Cirurgia
Consultorio: Av. Liberdade 121, 1.º-ás 3 h.-Telef. 908 C
Policlinica: L. Conde Barão, 12, 2.º-ás 5 h.-Telef. 1902-N

Colchões de arame
H. BONO
RUA DIARIO DE NOTICIAS, 75
(Ao lado da antiga Farmacia Jara Tel. 642 C)

A's Senhoras
Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro
Calçada da Estrela. 13. 1.º Esquerdo

CAMPO PEQUENO
DOMINGO 7



Sanchez Mejias
Toureia a pé e a cavalo alternando com Simão da Veiga (filho)

FIM DE JORNADA

O BALANÇO

moral e politico

da peregrinação portuguesa a Roma

A estada em Roma de uma peregrinação portuguesa catolica, acontecimento que pelo numero e circunstancia não pode passar despercebido, merece algumas considerações, e mesmo juizos criticos, á margem das notas e impressões de reportagem que tracei *in loco*, e que agora—e podia não suceder—reconheço exactas.

Uma jornada republicana, uma jornada monarquica, uma jornada de arte, uma jornada religiosa, quando oferecem um aspecto colectivo de vontades, ainda que parciais em relação á indole complexa da nossa gente, não podem deixar de ser analisadas, ao cabo, e apreciadas nos seus resultados e significados—quando jornalistas nelas tomam parte.

O jornalismo perfeito, ainda que nas minhas possibilidades não esteja mais que tentá-lo, deve não apenas vêr, mas sentir, compreender e ajuizar. Os juizos não têm que ficar para nós, mas para o publico que, por intermedio do jornal, nos mandou seguir.

Com esta pagina encerro a cronica do acontecimento, e bemdigo de o poder fazer na liberdade que este jornal concede—e de que nos honramos.

* * *

Por dois aspectos se pode encarar o acontecimento: pelo moral, que diz respeito á consciencia, e pelo politico, que diz respeito ás exterioridades.

A peregrinação comportava duas mil almas, e constituia-se por gente de todas as classes, com suas *élites* e sua vaga anonima. Nada mais representativo. Adoptando a antiga definição decaida, nela teriam tomado parte nobreza, clero e povo. Eu divido-a em três grupos, que melhor vi representados na minha observação: fidalguia e alta burguezia, episcopado e clerigos—e o povo. «Povo»—é tudo, como já aqui escrevi ha tempo a rebater o conceito falso, ou aristocratico, de que povo é só uma parte de um todo-Povo.

Sob o ponto de vista religioso, e mesmo catolico—que é definição mais estreita—a peregrinação comportou-se em exacta observancia do ideal que, com tanto sacrificio, tanta gente deslocou de Portugal ao coração de Italia.

Preciso, de observar áqueles que descrêem da importancia moral e politica do acontecimento, que o simples facto de se deslocarem, levados pela Fé, dois milhares de individuos a tão longe, numa época em que a situação portuguesa não é, economicamente, brilhante—já traduz uma grande vontade, reflexo de uma grande fôrça tradicionalista que em Portugal seria cegueira tomar como um sentimento reaccionario ou especulativo. E' preciso, num Povo pequeno e pobre, haver qualquer coisa de muito forte agarrada aos costumes e ás consciencias para se conseguiu tamanha afirmação colectiva.

Quero, porém, acentuar desde já que para mim Fé e Catolicismo não são duas palavras antagonicas, mas são duas palavras diferentes. Se alguem fôsse na peregrinação com o intuito de se converter ao catolicismo, voltava de lá desiludido. Quem não levasse comsigo daqui, fortalecido pela inspiração, o germen do catolicismo, não o lograva lá. Estas romagens de afirmação têm o mau sestro de descobrir mazelas. A «revelação» pode topar-se aos pés de uma santa, na palavra saída ao acaso da bôca dum apostolo, num facto inocente que caia do docel dos acontecimentos como uma flôr redentora. Nunca no meio de uma parada de fôrças, em extase ou em ostentação.

* * *

Nos actos colectivos da Fé, quere em Lourdes quere em Roma—como já escrevi—os peregrinos constituiam um só corpo. A Fé existe. A crença existe. O espirito religioso, submisso e extactico, existe.

Na maneira exterior, fóra dos actos de culto e oração, é que a maneira de ser de cada um se revelou, ora indisciplinada, ora confusa.

A Fé é, sem duvida, uma respiração da consciencia, formada de certa forma, pela herança atavica ou pela preparação mistica das leituras e predicas. Mas a exteriorização do sentimento religioso, essa é só função da educação do individuo.

E assim, e por isso, o fenomeno de, entre duas mil pessoas, haver tanta diversidade de compreender e interpretar. Certo facto, uno e indiscutivel na essencia, visto por Sua Eminencia e visto por um perigrino de aldeia, apareceu-me (fiz a experiencia) opostamente apreciado.

Assim, em três camadas sociais, cada uma com sua elite—que admira que uns sentissem de uma maneira e outros sentissem de outra?

Nuns a Fé era teimosa, constante, quasi maniaca. Noutros não ia a alma além das horas destinadas á prostação da alma. Dir-me-hão que os primeiros tinham a Fé mais viva, a crença mais pura. Não é assim, e aqui está o fenomeno. Nos primeiros observei, por vezes, uma falta de compenetração, a convicção substituida pela presença; nos segundos surpreendi um sentido exacto de proporções: a hora religiosa observada com a alma submissa e os labios seguros da oração sincera. Apenas nestes a educação e os costumes exigiam as sues horas profanas, livres para se aperfeiçoarem e gosaram, espiritualmente mesmo, na magnifica extensão panoramica das cidades.

Os peregrinos fidalgos, ou simplesmente nobres, mantiveram na peregrinação um alto aprumo. Os milhares de pessoas da classe escolhida, em elite de espirito ou de posição social—a chamada, por vicio de designação, burguezia, apesar do seu numero ser grande, mantiveram uma consoladora e correctissima linha moral e social.

A terceira classe constituiu para a minha alma a maior afirmação religiosa da peregrinação, mesmo dentro da sua ignorancia dos acontecimentos e dos espectaculos imprevistos. Eu compreendo que não tivessem percebido S. Pedro, e até acho logica a surpreza pela magestade catolica e pela ostentação cristã dos Basilicas imponentes. Isto, pela mesma razão que apresentava Junqueiro: não se dá a beber a uma criança uma garrafa de vinho.

Mas nos actos de Fé em Lourdes e nas prescrições do Jubileu — que linda e simples, e poetica manifestação de ternura religiosa! Que ausencia de intolerancia! Que pureza de sentimentos! Eram assim, porque eram. Rezavam e choravam assim, porque sim, como as crianças. E acabadas as solemnidades do culto, eles aí estavam, ingenuos e amorosos das coisas da terra—incompreendidas e incompreensiveis — tal qual nas suas aldeias, onde áquela hora despontavam malmequeres novos nas varzeas, e tocava o sino do campanario.

* * *

Falta-me referir ao clero. Devo dizer—para evitar equivocos — que não tenho o «horror republicano» do padre. Que o sinto, e o admiro. Mas na peregrinação, a nota para mim, menos certa, menos tocante, mais dura — foi a do Padre. Eram mais de duzentos. Exceptuando a «élite» dos que se formaram, em Roma ou em Coimbra, e aqueles que a educação tornou distintos, a leitura e o convivio amplo tornaram gentis, e a sabedoria moral, senão a experiencia, tornaram tolerantes, e ainda duas dezenas que persistem em ser simples, bucolicos, naturais, povosinho humilde (tal qual um francês que vi nos arredores de Pau, segurando a rabiça do arado, com sua batina arrastando a terra revolta, o breviario a adivinhar-se na saca do bolso); os Padres da Peregrinação, digo eu—não os senti bem A sua Fé pareceu-me, não digo profissional, mas mecanica. Sem eles, a peregrinação podia ter menos resonancia nas litanias e nos salmos — mas não tinha menos fervor.

Eram muitos os que me deixaram esta triste impressão? Algumas dezenas deles, mas enfim numero suficiente para incomodar até os reverendos membros da Comissão, a frente dos quais se encontrava o nobre espirito do dr. mgr. Joaquim Pontes.

E' certo que nem todos os homens que os Seminarios dão podem ter o espirito de santidade e doçura, de penetrante convicção e amor de Cristo, do padre Cruz, de Lisboa — exemplo vivo de humildade e delicadesa de alma. Mas ha um meio termo. E a esse meio termo — muitos padres não o atingiram. Perdoem-me todos esta observação, aliás necessaria.

E' possivel—e nisto os defendo—que a insuficiencia de preparação, nos Seminarios, do padre moderno, fazendo cantores e confessores em vez de pastores, e restringindo no tonsurado o sentimento da vida de hoje (vêde o Padre francês, ainda o mais humilde) tenha contribuido para vincar aquele aspecto, de unção equivoca e de turbulencia Antes seja assim.

O que estou escrevendo segredei-o a um Prelado, que não me deu razão, porque no caso não tinha para m'a dar. Mas é muito possivel, porque é muito verosimil, que numa proxima reunião do Episcopado se avente a remodelação, ao tipo francês ou belga, da educação nos Seminarios.

* * *

Não quero alargar-me em referencias ao Episcopado. Ele não as precisa. Toda a gente sabe que em Portugal os Bispos, com o Patriarca á frente, representam hoje uma grande força moral, num indiscutivel e notavel conjunto de mentalidades, servidas por um patriotismo, por uma sensata interpretação dos fenomenos politicos e sociais, e ligados por uma disciplina, que não só serve a Igreja—mas mais serve a Nação.

Podia especificar. Ser-me hia grato. Folgaria de desenhar a bela figura moral e cristã do Bispo do Algarve—a mais simpatica e sugestiva de todo o Episcopado português—, a linha arguta, severa mas nobre, do arcebispo de Evora; a simplicidade e sentimento piedoso do Bispo do Porto; a correcção de maneiras e habil sentido de proporções do bispo de Beja; a bondade perfeita e fervorosa, apostolica palavra do Patriarca de Lisboa. Mas passe—que isto é com as *Novidades*

Ouvi insinuar em Roma aos padres de batina, e a alguns que a não usam, que o Episcopado estava dividido, e que era preciso afastar este, suprimir aquele—tal qual como na politica democratica...

Quem está dividido—são os catolicos. E é por isto que eu digo que a Fé não tem nada que ver com o Catolicismo.

* * *

O aspecto politico... Vai longo este artigo, e eu quero acabar hoje com o jornalismo da Peregrinação. Vou resumir.

Que a maior parte dos catolicos da peregrinação são monarquicos, não é novidade, e muito menos milagre. A culpa deste divorcio permanente — foi dos republicanos.

São monarquicos, que o sejam. Nem os catolicos para obedecerem á Palavra de Pio XI têm de se fazer republicanos, nem os republicanos, para concederem, ou simplesmente tornarem, á Igreja os seus direitos—têm de exigir certidões de republicanismo a quem quer.

Em todo o caso, voltemos aos padres. Mais de que monarquicos, todos—muitos presentimos caciques. Aqui é que está o equivoco. Aqui é que está o perigo (não para a Republica), mas para a causa catolica.

Padres caciques são como pastores caçadores: não guardam o rebanho. E ainda nisto a culpa é da Republica. Incompatibilisou a maioria do clero com o regime (e não era preciso), e colocou-os na situação de confundirem a Igreja com a Monarquia, para se defenderem, esquecendo-se de que foi a Monarquia quem principiou por persegui-los.

O caso de D. Manuel está hoje pulverisado, e ainda bem. Nisto, tanto como a diplomacia acreditada pelas Necessidades, foram os Bispos prudentes, sem subserviencia. D. Manuel, passou em Roma, no uso de um direito, que é bem de um Rei, apesar de deposto e exilado.

Quanto ás divisões dos catolicos uns com os outros—vi e ouvi demais, para escrever, e não me compete. E não quero E não me sabe bem. Não deixo todavia de assinalar, que vi com surpresa, que em Roma por muitos catolicos tivesse sido posto á margem um homem, jornalista insigne, a quem a Igreja Catolica assinalados sacrificios e serviços deve.

Coisas—não dos catolicos. Coisas da nossa gente. Devididos os monarquicos, divididos os republicanos, divididos as divisões republicanas, dividido tudo, sem que os principios a tanto obriguem, mas porque a tanto obrigam os caprichos e as transitorias glorietas dos homens.

Finalizo. Sob o ponto de vista politico, que não tem nada que ver com o caso-incidente de D. Manuel, a peregrinação oferece ao governo da Republica um campo de estudo para começo de uma nova politica, digna, justa, tolerante, toda ela cabendo á vontade dentro da lei da Separação. E os prelados tambem tem que ensinar e corrigir nas suas dioceses.

E sob este ponto de vista, ligado ao aspecto moral—religioso da Peregrinação—eu que não sou capaz de ser catolico, revelem-me esta nota pessoal—não posso deixar de afirmar que Portugal saiu honrado do concilio de Povos que se reuniu agora na capital da cristandade, e que esse triunfo de compostura e elegancia (que pequenos desvios não alterarem) se deve ao prestigio tradicional e incontestavel do catolicismo da Igreja e da gente Portuguesa.

Norberto de Araujo

Descoberta importante!

O dr. Wolff, de Berlim, acaba de descobrir os **Comprimidos de Cloridrato de Yohimbina,** quimicamente pura, que, devido ao extraordinario exito que têm obtido, somos obrigados a considerar este produto como o unico medicamento de acção especifica e infalivel para o tratamento da **fraqueza genital. PREÇO ESC. 17$00.**

Agente e depositario geral para Portugal e Colonias: FERNANDO DA SILVA—Rua da Magdalena, 190—LISBOA, na Farmacia A. Marinho & C.ª, Ltd.ª R. Eugenio dos Santos, 86-90, na Farmacia Portugal, R. Augusta, 218 e no PORTO na Farmacia Central, Rua 31 de Janeiro, 203.

A FLOR DAS VELHAS

(Antiga casa do JOÃO DAS VELHAS)

RUA DA CONCEIÇÃO DA GLORIA, 43 e 45

Reabriu completamente remodelada com um magnifico serviço de restaurant e uma especialidade em vinho PALHETO DE ARRUDA.

Economia e Asseio

Almoços a 12$00
Jantares a 14$00
Completos com vinho
Só no Café Restaurant Moderno
Rua da Gloria, 43—45
(frente á Avenida)

A Cidade

Doenças da boca, dentes e maxilares
Manuel Valente
Travessa do Corpo Santo, 29, 1.º
(Esquina da Rua de S. Paulo)
Telefone, Central 1853

Chá das cinco

Duas excepções

Livros — livros todas as semanas — quasi todos os dias. Na sua maioria, maus. Ainda ontem, ou ante-ontem, com muita razão, nos confessava as suas queixas um editor. Publica-se recentemente um livro com a mesma facilidade com que se toma um café, ou se diz uma blague. E então os *poetas* — passe a designação — batem o *record* da fecundidade. Havemos de chegar a um tempo em que publicar um livro de versos representa uma quebra de dignidade mental.

Não seria vantajoso instituir uma especie de *Index?* Mas onde encontrar, em que espiritos independentes, a inquebrantavel justiça?

Ha, felizmente excepções. Vocês fixem as montras — onde quasi tudo é inferior — e salvem o ultimo livro de versos aparecido: *Divina tristeza*, de Henrique Paço d'Arcos. Neste — fóra um ou outro senão — ha sinceridade emotiva — ha vibração interior, principalmente nas elegias e nos sonetos. Não se trata dum versejador — trata se duma capacidade poetica — duma alma aberta ás vozes que vêm de infinitas distancias e ás quais um coração maguado deseja responder.

Dos poetas novissimos, Henrique Paço d'Arcos e Guilherme de Faria, são os unicos que valem — que têm positivo valor. O primeiro é um idilico, um rouxinol do Calvario, uma saudade que tem o ceu por motivo; o segundo é um intelectual do sofrimento, uma inteligencia receptiva, uma sensibilidade dramatica mais humana — mais do mundo.

São ambos muito novos — creio mesmo que da mesma idade. E eu folgo em os ver cantar com sinceridade, com sêde de absoluto, numa epoca tão desgraçada, tão cabotina, tão aliteratada — *no carnaval dum seculo de ferro...*

Alves Martins

Raul Pereira & C.ª L.da
JOALHEIROS
PORTO LISBOA
ABRE BREVEMENTE A SUA SUCURSAL
NA RUA DO CARMO, 87-B

Restaurant Roma
Rua do Mundo 100 a 104
Telefone 4520 N.
Gabinetes confortaveis no 1.º andar
ABERTO TODA A NOITE
Os proprietarios deste acreditado restaurante participam aos seus Exmos. freguezes e amigos que em vista de ter terminado a suspensão de garantias, esta casa volta a estar aberta toda a noite. Ao mesmo tempo podem verificar a grande baixa de preços em todo o serviço e agradecem a sua visita.

Jorge de Faria

Vindo de Roma, onde foi na peregrinação portuguesa, regressou a Lisboa o nosso querido amigo e brilhante escritor, sr. dr. Jorge de Faria.

Maria Luiza da Gama

FALECEU

Confortada com todos os Sacramentos da Egreja

Luiz Xavier da Gama, Maria Adelaide Luz da Gama Sepulveda e seu marido, Maria Henriqueta Luz da Gama, Faustino Luz da Gama, Margarida Luz da Gama e D. Luiza da Cunha Menezes, participam a todos os seus parentes e pessoas das suas relações o falecimento da sua muito querida mulher, mãe, sogra e nora e que o seu funeral terá logar amanhã, 6 do corrente, pelas onze horas da manhã, saindo o prestito da rua Ivens, 17, para o Cemiterio dos Prazeres.

UMA GRANDE TRAGICA

Mimi Aguglia

FALOU

ao "Diario de Lisboa,,

da sua arte

e do seu amor a Portugal

Vamos dizer como é Mimi Aguglia ..

O que ela é — antes de um acontecimento teatral — é um acontecimento jornalistico. Estas figuras não pertencem ao teatro: pertencem ao tempo. Foram, e continuam a ser.

Falar delas — parece réclame. Mas, Santo Deus! — o que não será reclame, quando se tem de falar de alguem que se expõe ao publico, passando pela bilheteira, e que não seja politico, aventureiro de passagem, agitador, protagonista de crime, victima de atentado, heroi de revolução ou simples presenciador de um facto transitoriamente notavel?

Mimi Aguglia — é alguem. Ha uma dezena de anos que nós dizemos: «Ah! Mimi Aguglia! Aquilo é que era uma actriz!»

E evocam-se as suas duas temporadas do D. Amelia, no tempo do Visconde, e a roda dos criticos, dos apaixonados, dos artistas — desse tempo.

Desse tempo e do tempo de sempre. A diferença que ha entre o tempo velho, de ontem, e o tempo novo de hoje, é só a de que — então — os valores morais nas letras e nas artes, se anulavam uns aos outros. Mas adiante. Vamos dizer como é Mimi Aguglia.

* * *

Ainda nova, posto que menos joven, cabeça revolta em negro, desenhada a carvão, olhos rasgados, certa meia palidez de torturada, olheiras e expressão maguada — tipo, stigmatisado de Milla de Corda —, fronte alta, busto magro, «toilette» sobria, palavras doces, mixto de italiano cantabile e de espanhol alacre, num espanhol pronunciado com elegancia, ansiedade, e depois tranquilidade, atitudes calmas sem pose, e uma certa modestia de dizer que acusa a dinastia das Duses desaparecidas —, é assim agora Mimi Aguglia.

Em palco — transfigura-se. As mulheres de palco não têm que ser bonitas. Dalgumas se pode dizer que apesar de bonitas — conseguem agradar. O que agrada nelas não é pois a beleza ou a gracialidade, mas o dom privilegiado da transfiguração.

Esta Mimi vai interpretar Nicodemi, Pirandello, Valle Inclan, Quintero, Artsebalchf, Dumas, Benavente, d'Annunzio, Sardou, Breton — os velhos, os *demodés*, os novos, os novissimos, os romanticos, os cinematograficos. Para isso exige-se um alto temperamento. Mas mais se exige um poder sintetico e maleavel de transfiguração.

Esta «transfiguração» — é que é o encanto maior da actriz excelsa da *Figua de Jorio*.

Claro, que falámos com ela. Para uma entrevista? O leitor fica sabendo, por esta inconfidencia. As actrizes astros, como Aguglia, não dão entrevistas. Concedem só a autorização. A entrevista — inventa a a gente.

Limitemo-nos, pois, para não inventar — e isto é que vai ser dificil — a dar duas ou três frases-foco, surpreendidas na conversa, e que marcam a posição espiritual da comediante, cheia de experiencia, de gloria, de desilusões tambem — e de saber tomado pela lição dos factos.

Por exemplo: porque representa em espanhol...

— Porque na America do Sul e na Havana precisei de organizar companhia em espanhol. E que linda é a lingua espanhola a criar espanhol ou a interpretar italiano!

— Podia agora interpretar em francês?

— A seguir, não. Ha na nossa linguagem uma continuidade. Não se passa num momento para o outro do italiano para o espanhol, e do espanhol para o francês.

— Teatro moderno...

MIMI AGUGLIA
na «*Marianella*»

— Ha uma renovação nos processos de teatro. De escrever e de realizar. O que é, é que os publicos não estão preparados. Tudo sossobra. Por enquanto, tentativas.

— E concorda?

— Em absoluto, eu que sou gente de teatro. Mas ha que esperar. Talvez daqui a 20 anos se consiga alguma coisa.

— Os teatros de arte?

— Afirmações de fé e de renovação. Em alguns casos, revelação. Não se percebe ainda muito bem. Por isso os teatros de arte são pequenos.

— Mas não ha arte no teatro antigo?

— Ha mais que arte, ha beleza. Mas o mundo transfigura-se, e exige novos movimentos. A dificuldade está em entender a reviravolta, e não exceder com ela o poder de compreensão dos publicos.

— A tendencia do teatro moderno, pois?

— Talvez sintese.

— E desaparecerá a maneira classica?

— Nunca... Ficará em *substractum*.

— O repertorio que representa...

— Indicações do mais perfeito em todos os generos e para todas as tendencias.

— Peças perdilectas?

— Todas.

— Uma ou outra, a citar ..

— *Coqueteria*, do russo Arteshalchf, *Cabeza del Bautista*, de Valle Inclán, *Cada cual a su manera*, de Pirandello.

— Recordações de 1909...

— Lembrei ao chegar a Lisboa o meu antigo empresario: o Visconde Braga. Era carinhoso. Entendia muito. E até o teatro que ardeu me trouxe lembranças. O publico é que deve ser o mesmo.

Tomou-se do braço de Elvira Morle, a segunda actriz da companhia, espanhola e elegantissima, que já tentou em Madrid — pobre dela! — teatro de arte moderna e teve de o fechar, arruinada. Elvira Morle — é um interesse junto de Mimi.

JOALHARIA

Lisboa

vai vêr

o sangue e a alma

dos lavranies portugueses

Na Rua do Carmo, 87-B, abriu agora um belo estabelecimento que vem preencher uma lacuna no nosso comercio de joalharia.

Os proprietarios da casa Raul Pereira & C.ª Ltd.ª não tiveram, ao montar essa joalharia, preciosa, apenas o fito de ganhar dinheiro. São dignos dos maiores elogios pelo ineditismo dos seus modelos e pelo arrojo das suas concepções, afastadas dos moldes já gastos que os compradores de bom gôsto não toleram.

Falámos esta tarde com os activos e inteligentes joalheiros sobre o que vai ser o novo estabelecimento:

— Cabe-nos a honra de haver feito a ressurreição da filigrana portuguesa, que andava pelas montras, apoucada, sob formas mesquinhas, tornando-a um incontestavel valor artistico, com aplicação de estilisações em esmalte duma perfectibilidade que se impõe aos mais exigentes.

— Como se lembraram de fundar este estabelecimento?

— Viemos para Lisboa, num legitimo direito de expansão, incitados por excelentes amigos nossos — que não são poucos, creia! Além disso, quizemos dalgum modo colaborar no desenvolvimento da capital dando-lhe uma casa de arte e de industria nacionais. O local seduziu-nos. A rua do Carmo é, com efeito, um bom local para uma exposição permanente das nossas produções.

E os distintos joalheiros mostram-nos depois o seu sortido de joias, ainda na promiscuidade das gavetas. Todas elas teem um cunho muito especial.

Vimos de tudo: brincos, broches, aneis, novidades, colares de perolas de diferentes tamanhos e cambiantes, bugigangas com esmaltes preciosos para pouco preço... As pratas vão chegando pouco a pouco das suas oficinas do Porto.

— Temos pena de não poder mostrar-lhe ainda a nossa baixela D. João V — o ultimo trabalho em prata, que por sinal obteve logo colocação. Pedimos ao comprador para consentir na exposição das principais peças, desejo que, segundo nos informam do Porto, foi satisfeito. Lisboa vai admirar algumas peças, que representam sem favor «o sangue e a alma dos lavrantes portugueses», na expressão do distinto orador portuense sr. dr. José Nozolini.

Os importantes joalheiros mostram-nos em seguida as utilidades, verificando nós que, mesmo aos objectos prosaicos de natureza, se pode imprimir uma nota de beleza. E vemos tambem muitos cristais e pratas para *boudoirs* elegantes, escritorios e salas.

Por fim, mostram-nos as filigranas. São verdadeiras maravilhas que o povo de Lisboa vai apreciar com justiça.

Brevemente

novos numeros de variedades no «Bal-Tabarin»

E' com bastante anciedade que os frequentadores do *Bal-Tabarin* da rua da Gloria esperam o regresso do seu proprietario, que foi a Sevilha contratar novas artistas de variedades.

Lucrecia Torralba, encantadora *tonadillera* e Luisa Real, insigne bailarina estão dando os seus ultimos espectaculos.

O baile está todas as noites animadissimo, dançando-se toda a noite no meio da mais viva alegria.

As sessões começam as nove horas da noite.

ESPIRITA
EM 15 DIAS
tudo consegue. Reembolso triplicado em caso contrario.
R. do Sol ao Rato, 215, 3.º

Salão Aureo

Exposição dos mais lindos chapeus modelos para a presente estação de verão

246 - R. do Ouro 248 - Telef. N. 3818

A Cidade

TIVOLI Telefone N. 5474

HOJE - A'S 8 3/4 - HOJE

Os inimigos da mulher

A TEIA DE ARANHA

PAFUNCIO EM AFRICA

«PRÉMIERES»

—o o o—

A peça

"Knock,,

e o que representa

a iniciativa do Teatro Novo

Suponho ser uma nota de vivissima originalidade, e até mesmo de caracter, defender hoje o Teatro Novo, não dos criticos, mas de certos dramaturgos que pedem agora clamorosa justiça, esquecendo-se, porém, que, a folhas tantas, no meio das suas infelicidades artisticas,—palidas copias da comedia francesa—nos acoimaram de invejosos, idiotas e pouco leais, apesar da nossa piedade roçar quasi pelo elogio.

Uma coisa é o Teatro Novo, tal como ele se apresenta, ainda em iniciativa, em genese, em experiencia, em primeira lição. Outra é o grande movimento de renascença scenica e dramatica, profundo nos seus objectivos, já largo e triunfante nas suas conquistas, em que o pensamento busca novas realidades, em que a vida tem novas formulas, em que os problemas de alma e de intuição acordam subterraneamente, evocados pelos simbolos de Pirandello, pela grandeza ironica e rabelaiseana de Schaw, pela consciencia misteriosa de Lenormand, pela côr excentrica e amarga de Boubelier.

Este teatro não pode caber de modo algum nos quadros gerais e banais da scenografia classica, da representação exterior, do dialogo literario. Se os artistas é que criam a beleza—esta tambem exige que o sangue que a realisa, que o genio que a palpita, que o sacrificio que a violenta até ás mais altas concepções, sejam ardentes, imperiosos e divinos de mocidade e de nobreza.

O Teatro Novo podia não representar nenhuma das correntes modernas que lá fóra se entre chocam—e o seu erro seria grave; podia tambem não ter da parte dos seus interpretes aquela indispensavel modelação animica, que transfunde as almas, na notulação dolorosa das palavras e no silencio ancioso das pausas—mas bastava ter aparecido, como um padrão, como o primeiro e unico *écran* do verdadeiro e autentico teatro, para nós o recebermos com aplausos, ainda que discretos, e com uma espectativa, ainda que benevola. Se o Teatro Novo tivesse falhado absolutamente, o que não sucedeu, alguma coisa de belo e de indestrutivel ficava: a representação da comedia de Jules Romains, *canon* do teatro moderno. *Knock* é o portico da renovação artistica que lá fóra se está fazendo. Quem o não compreende, ou por ser vesgo ou por ser gago, não tem o direito de o combater sem apresentar valores ou obras que se possam comparar com as que lá fóra existem.

Será preciso dizer que não temos dramaturgos? Será preciso dizer que as peças que se representam entre nós são copias ou são originais estrangeiros, com cincoenta anos de velhice? Será preciso dizer que o nosso pensamento gira ainda em volta de banalidades amorosas e considera o adulterio sujo um caso audacioso? Será preciso dizer que a scenografia se faz pela côr e não pela ideia?

* * *

E agora, vamos á critica. *Knock* é uma peça simbolica, em que a verdade e a mentira se contradizem, linearmente expostas ao longo dum dialogo admiravel e perfeito que veste com precisão a inteligencia e o caracter das figuras. As palavras são mascaras, cujo uso identifica os personagens e engana os espectadores. A comedia é *unanimista*, porque concentra nos tipos as qualidades e defeitos duma profissão, duma camada social, a farça duma ideia scientifica ou literaria, que a vida generaliza. Ha, pois, uma soma poderosa de valores como no teatro de Molière. Nunca um caso — mas sempre o caso. O total pelo parcial.

A representação teve interesse. Quanto a mim, Joaquim de Oliveira — e sou o unico a dizê-lo, sem o *parti-pris* de ter visto Jouvet, o criador do *Knock*, em Paris — não foi, como devia ser, um simbolo. A uns espectadores

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

NA ALAMEDA DE ALGÉS

Porque foram

PRESOS

o advogado Dias Ferreira

quatro civis

e um sargento de marinha

Os jornais da manhã deram a noticia de terem sido presos em Algés o sr. dr. José Eugenio Dias Ferreira, alguns oficiais do Exercito e da Armada e elementos civis. Isto produziu sensação, principalmente devido aos numerosos boatos que têm corrido. E resolvemos esclarecê-los para os nossos leitores.

* * *

Primeira «étape»: Gabinete da Policia de Segurança do Estado. O sr. director não está. Não está o adjunto. Está apenas o agente José Augusto:

—Póde dizer-nos o que ha sobre as prisões de Algés?

—Só sei o que vem nos jornais...

—Mas o caso não está sob a alçada da P. S. E.?

—Não fomos nós que fizemos as prisões. Ainda nem sequer sabemos quantos são os presos, nem quem são eles...

* * *

Segunda «étape»: Calabouços particulares do Governo Civil. O sr. dr. José Eugenio Dias Ferreira, viva inteligencia provada em tantos estudos financeiros, economicos e politicos, está deitado em cima da cama pobre do quarto:

—Então, o que foi isso, doutor?

—Não sei. O sr. administrador do concelho de Oeiras é que deve sabê-lo. Eu não abro boca. Nem para os jornais, nem para a policia... Não abro boca...

* * *

Afinal, o caso resume-se a um pitoresco incidente — destes numerosos incidentes pitorescos que dão á nossa tragedia politica um aspecto de farça...

Presos, ha apenas seis. Mentimos: ha sete. Mas um deles é irracional, como certas pessoas que nós conhecemos. Trata-se duma inofensiva cadelinha, de nome «Lulu» que, além do azar de ser presa, teve a grande infelicidade de lhe fugir o «Totó», na condução para a esquadra de Pedrouços...

No Governo Civil, são os srs. dr. José Eugenio Dias Ferreira, Antonio Julio de Abreu, empregado da Fiscalisação da C. P., Pires Nunes e Vieira da Silva, empregados do Banco Nacional Ultramarino e Guilherme Silva. No Quartel de Marinheiros, ha um sargento detido. O nome não o podémos averiguar, porque a isso se opuzeram a rigidez regulamentar do oficial de serviço e a ignorancia da P. S. E., sobre o assunto. A «Lulu» está na esquadra de Pedrouços, como os outros presos, á ordem do sr. administrador do concelho de Oeiras...

Mas reconsituamos a scena:

O sr. dr. José Eugenio Dias Ferreira costuma jantar todos os dias. Acontece o mesmo com os seus amigos. E ontem alguns deles, com o distinto professor, resolveram jantar no Casino de Algés. Por sinal que deram mostras de excelente apetite...

Depois da refeição, resolveram ir dar um passeio até á Alameda de Algés — delito que não está previsto pelo Codigo.

O sr. dr. José Eugenio Dias Ferreira foi conversando com o comandante de Marinha, João Manuel de Carvalho, e com o tenente Rosa Mateus. Falaram da «Legião Vermelha», da Mercedes Serós e até do bailarino Florencio. E a digestão começou a fazer-se normalmente...

A certa altura, porém, exactamente quando se referiam á banda da policia, apareceu-lhes diante um sujeito de oculos que se agarrou ao sr. comandante João Manuel de Carvalho.

O dr. Dias Ferreira perguntou-lhe:

—Quem é o senhor?

—Sou delegado do governo.

—Ah, é? E, então, que quere o delegado do governo?

—Que me declinem as suas identidades.

O dr. Dias Ferreira levou-o para o pé dum candeeiro — e levou cinco minutos a procurar um documento que fosse suficientemente identificador. Os dois oficiais disseram-lhes o nome — e retiraram-se, declarando que não se deixavam prender por civis...

... E quando o sr. Abel Sebrosa acabou de ler o cartão do sr. dr. Dias Ferreira, na Alameda, havia pouco, muito concorrida, só estavam policias armados de carabina.

Então, o delegado do governo, correndo, dirigiu-se a um grupo que passava descuidadamente, contando historias do Bocage — e preudeu todos: os quatro civis e o casal canino a que nos referimos, e o sargento da Armada que ia a passar na rua.

Conduzidos á esquadra de Pedrouços, ali passaram todos a noite — á excepção do «Tdtó» que, como acima dizemos, fugiu no caminho... E de Pedrouços vieram esta manhã, os cinco civis para o Governo Civil e o sargento para o Quartel de Marinheiros.

A Policia de Segurança do Estado tenciona, logo que o caso lhe seja entregue, pô-lo rapidamente a claro, devendo alguns deles sair em liberdade hoje ou amanhã.

* * *

Duas notas importantes:

As prisões deram-se, não de madrugada, mas ás 11 e meia da noite e quasi todos os presos moram em Algés.

Haveria crime?

Fomos procurados por José Sousa Duarte, filho do guarda reformado Antonio de Sousa, de 68 anos, que fazia serviço na garage «Auto-Palace», que nos declarou que seu pai, na noite do dia 1 do corrente, foi agredido á bofetada e a pontapé pelo «chaffeur» Bartolomeu dos Santos, 26 anos, rua Barão de Sabrosa, 50, 2.º, de que lhe resultou a morte 24 horas depois. Mais nos declarou que este caso foi presenciado por nove pessoas.

"Alster Pavillon"

E' este o melhor *cabaret* de Lisboa onde as noites se passam no meio da maior alegria e onde actualmente se está exibindo mademoiselle Rolin, encantadora bailarina, que ha dias se estreiou, e que tem conquistado o publico com os seus artisticos bailados.

O *Alster Pavillon*, que está aberto toda a noite, tem á venda cerveja alemã de um explendido paladar, havendo sempre excelentes variedades.

AUTOMOVEIS

Salmson

7. H. P. e 10. H. P.

TURISMO, SPORT E CIDADE

ARMANDO CRESPO & C.ª — Rua do Crucifixo, 118 — LISBOA

Victorias SALMSON

1923 — 1924 — 1925 Salmson 7 H. P.

"Records" do mundo

das 12 e 24 horas

Pelos teatros

Alexandre de Azevedo

Faz amanhã a sua festa artistica, com a admiravel peça de Henri Duvernois e Wolff, «Après l'Amour»—o grande actor Alexandre de Azevedo.

Alexandre de Azevedo interpretará o papel criado em Paris por Lucien Guitry.

Alexandre de Azevedo é um temperamento forte e original de actor. Artista de atitude e de distinção—Alexandre deve marcar na peça de amanhã um grande papel.

Atrás do reposteiro

Realiza ámanhã, no teatro S. Luis, a sua festa a «tonadillera» Mercedes Serós, que entrará na revistasinha «Chic-Chic», cantando uma canção em português. Mercedes Serós interpretará numeros novos, estando a preparar um programa especial.

—A companhia organisada pelo dramaturgo Alfredo Cortês inaugura a sua época, no teatro Avenida, no proximo dia 16, com a peça «Amoureuse» (Apaixonada), desempenhada por Ester Leão, Clemente Pinto, Teodoro Santos, Mercedes de Almeida, Iréne Benamor e Alice Rodrigues. No camaroteiro do teatro está aberta a inscrição para uma assinatura de quatro recitas, com a peça inaugural «Malquerida», em que reaparece Adelina Abranches, e «A mulher fatal» e «Teu pai».

—O actor Carlos Leal realiza a sua festa, no teatro Maria Vitoria, na segunda feira, com duas sessões da revista «Rataplan», na qual interpreta o papel de «compadre», «O Pistarim, antigo cocheiro de praça». Nos dois espectaculos tomam parte o actor Nascimento Fernandes, Amelia Perry e João Silva.

—Na proxima terça-feira, a Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho põe em scena no Avenida duas peças novas: «Os autores dos meus dias», tradução de José Sarmento e «O Mundo é assim», adaptação de João Soler, em ambas tomando parte a actrisinha Maria Helena, Maria Matos, Mendonça de Carvalho e Silvestre Alegrim.

—A nova revista «A cidade onde a gente se aborrece» deve subir á scena, no Eden Teatro, dentro da actual quinzena.

—No Politeama efectua-se hoje a festa artistica do actor-comico Alvaro de Almeida, uma das primeiras figuras da Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro. Pela ultima vez representa-se neste teatro a comedia «A Massaroca», com o concurso do festejado e de Nascimento Fernandes e a comedia, em 1 acto, «O chapeu de côco», interpretada por estes dois artistas. Pelos clubs de «foot-ball» disputar-se-ha durante o espectaculo a «Taça Amelia Rey Colaço».

—Na proxima segunda-feira efectua se no Avenida a festa artistica da atrizinha Maria Helena. Representa-se pela ultima vez a comedia «Era uma vez uma menina...» abrindo o espectaculo a peça, «Rosas de todo o ano», desempenhada pela festejada e por sua mãe, a actriz Maria Matos.

—No Teatro da Trindade realizam-se hoje, ámanhã e no domingo as ultimas representações da opera «Mercado de Donzelas», encerrando-se a epoca de inverno. Seguidamente o teatro fecha as suas portas, para inaugurar brevemento a epoca de verão com a revista «Ditosa Patria» com Nascimento Fernandes em varios papeis.

—Regressaram do Porto os artistas Chaby Pinheiro e Jesuina de Chaby.

—A companhia Lucilia Simões-Erico Braga adquiriu os direitos da peça «Les nouveaux messieurs», de Robert Flers e Crosset, que está em scena no Teatre Athenée, de Paris.

—Estreia-se hoje em Lisboa, no teatro de S. Carlos, a companhia espanhola de que faz parte a grande actriz Mimi Aguglia, levando á scena a peça «La nemica», de Nicodemi. Amanhã representa-se a peça «Una yankee en Paris», de Crossot e Waleff, e domingo «La femme X.».

TEATRO DE S. CARLOS (M) (N) TELEF. C. 3063
Empresas A. Ramos Ltd.ª e Erico Braga
HOJE, ás 9—Estreia da celebre actriz
MIMI AGUGLIA
e da sua notavel companhia dramatica espanhola com a peça em 3 actos, de Dario Niccmedi
LA NEMICA
(A INIMIGA)
Do reportorio fazem parte as melhores obras primas do teatro italiano, francês, espanhol, inglês e russo

TEATRO da TRINDADE
Emp. JOSE' LOUREIRO TELEF. C. 876
HOJE, ás 21-15
MERCADO DE DONZELAS
Brevemente, Inauguração da Epoca de Verão com a revista em 2 actos
Ditosa Patria
Reaparição do actor Nascimento Fernandes

TEATRO SÃO LUIZ
Empresas A. Ramos Ltd.ª e Erico Braga
HOJE, ás 9-30, Ultimos espectaculos da celebre
Mercedes Serós
nas suas «tonadillas», canções e bailes
A «bluette» original de Erico Braga e Barbosa Junior, musica orig. e coordenada por Alves Coelho
Chic-Chic
pela companhia LUCILIA SIMÕES, em que toma parte Melle. ALEXIANNE, do Casino de Paris.

Pistolas «F. N.», — «Walter», — «Bayard» e outras marcas. Revolveres, carabinas Flobert e pressão de ar. Munições e acessorios para as mesmas. Tudo aos melhores preços do mercado. Descontos para revenda.

Casa A. M. Silva
R. Betesca, 67 e R. Correeiros 235, 237, 239
TELEFONE N. 4178

CASA
Lindo 4.º andar, 10 divisões com todas as comodidades. Cede-se com autorização do Ex.mo Senhorio a quem ficar com alguma mobilia. Rua das Chagas, 20, 4.º Direito, tem ascensor.

ACABOU A CALVICIE
COM O USO DO MARAVILHOSO
Especifico Mundano
EXTRAORDINARIA EFICACIA
Prodigioso invento | Assinalam-se já centenas de curas
Mostram-se certificados autenticos
O Depositario: JOSÉ FRANCO
R. Eugenio dos Santos, 16-1.º
LISBOA

DOENÇAS NERVOSAS
Gabinete Hidroterapico—C. do Duque, 20
C. da Gloria, 15—T. N. 4457
Director
Dr. J. Silvestre d'Almeida
Duas salas de douches independentes para homens e senhoras. Banhos de vapor. Massagens higienicas. Electroterapia.
Aberto das 8 ás 13 horas.
Consultas das 16 ás 12 horas

CHARUTOS HAVANOS
Ligas de Monterrey e Bock
PRINCESITAS em caixas de 50. Especiales em maços de 16.
O maior sortido em qualidades e quantidades. Preços sem competencia.
Acabam de chegar á
Casa Havaneza
124—Rua Garrett—134

A INDUSTRIAL DE CARNES, L.da

Séde e Escritorio
210, Rua dos Correeiros, 212
Telefone N. 5350 — LISBOA — Telegramas TRIALCARNES

Concessionaria para a venda de **Fiambres** e **Pasta Foie-Gras** de acreditados fabricantes estrangeiros

Especialidade em:
Toucinhos
Banhas
Chouriço de carne
Chouriço mouro
Unto
Prezuntos
Linguiça

Secção especial de fornecimentos para Bordo, Roças, Hoteis, Azilos, Cooperativas, etc.

Preparação e fornecimento de:
Carne de vaca salgada
em barris de 100 quilos, propria para mantimentos de bordo

Fornecedora das principais casas de Lisboa, Provincias, Ilhas e Africa
Descontos aos revendedores

CASA AFRICANA

Rua Augusta, 161
LISBOA
Sucursal: R. 31 JANEIRO, 220, PORTO

Estação de Verão
Grandes Exposições de todos os **Artigos de Novidade** recebidos directamente dos maiores centros da Moda, especialmente em **tecidos de seda, lãs e algodões,** assim como os mais **chics modelos em robes, tailleurs** e manteaux **e chapeus para senhora e criança.**
Secções de Camisaria e Alfaiataria para homem e Rouparia Branca para senhora. **Fatinhos e vestidinhos** para creança.
Secção da provincia — Atendem-se todos os pedidos.
Pedimos não fazerem suas compras sem verem as nossas **novidades e preços.**

PEREIRA, ALFAIATE

DIRECÇÃO TECNICA DE:
Amilcar de Sousa
T.E NORTE 3069 — R. Prata, 266, 1.º

PROFESSORA
de chapeus. Ensina pelo verdadeiro metodo em 60 dias. Resposta á agencia R. Retrozeiros, 147, D. 4911.

BRILHANTES GRANDES
SEM DEFEITO, paga de 3.000$00 para cima o quilate, perolas, esmeraldas e joias, superior a qualquer oferta. R. 24 de Julho, 60, 1.º (a Santos).

Teatro AVENIDA Telefone N. 4356
EMPRESA JOSE' LOUREIRO
Comp. Maria Matos-Mendonça de Carvalho
HOJE, ás 21-30
ERA UMA VEZ UMA MENINA...
Segunda-feira, 8, recita de Maria Helena com as peças ERA UMA VEZ UMA MENINA... e ROSAS DE TODO O ANO
TERÇA-FEIRA, 9:—Os autores dos meus dias e O mundo é assim

Politeama Emp. Luis Pereira — Telef. 3028 N.
Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro
HOJE ás 9-15
RECITA do ALVARO DE ALMEIDA com as peças
A Massaroca—O Chapeu de Côco
AMANHÃ—Recita de Alexandre de Azevedo
QUANDO O AMOR ACABA

Teatro MARIA VITORIA
HOJE e sempre, ás 20-30 e 20-30
RATAPLAN!
ampliada com o numero novo AS FORÇAS VIVAS
Segunda-feira, em duas sessões, festa de CARLOS LEAL
Toma parte Nascimento Fernandes

SEMENTES
Semeai as nossas sementes e tereis:
As mais soberbas hortas;
Os mais deslumbrantes jardins;
Os mais rendosos prados.
JERONIMO PEREIRA MENDES & C.ª
Especialistas de sementes de hortaliças, flôres e pastos
Rua dos Correeiros, 277 a 281
LISBOA

MILHARES DE CURAS
obtidas com o
"SUPURA-CURA"
Não ha melhor nem parecido nos seus efeitos rapidos e seguros, no tratamento das feridas, sejam de que natureza fôr, e nas dermatoses secas e humidas e de outras enfermidades externas do corpo. Envia-se de graça uma pequena caixa para experiencia e aos Ex.mos Medicos, tambem enviamos as caixas que nos forem directamente pedidas, a R. Branco, farmaceutico, V. de Gois, Coimbra.—A' venda em todas as farmacias. Preço, 4$00. Dep. em Lisboa, R. da Prata, 101—Porto, Rua de S. Miguel, 27-A—Coimbra, Centro Comercial de Drogas e Rodrigues da Silva.
C. da Rainha, F. Central; F. da Foz, F. Sotero; Guarda, F. Central; Olhão, Agente João Manuel do Nascimento.

Banco Regional de Aveiro
Dividendo de 1924
Anuncia-se que o dividendo referente ao ano de 1924, de 8 o|o captivo de impostos, conforme resolução da Assembleia Geral de 2 de Abril está a pagamento em todos os dias uteis, excepto aos sabados, em Aveiro, na séde deste Banco; no Porto, no Banco Pinto & Sotto Mayor e em Lisboa na Casa Fonsecas, Santos & Viana.
Aveiro, 1 de Junho de 1925.

Victor Gonçalves, L.da
Changeurs - cambistas - changers
Compra e venda de moedas estrangeiras = «Coupons», papeis de credito e ordens de bolsa
RUA AUREA, 152 . . . . . LISBOA

ESTRANGEIRO

HUMAGSOLAN
Cura a calvicie e evita a queda do cabelo — Remedio de uso interno
Nas boas farmacias e drogarias
AGENTES: Wirges & Simões, Lda. R. Antonio Maria Cardoso, 23—LISBOA—Telef. 1186 C.

DA CHINA

o o o

Os acontecimentos de Shangai e o protesto dos italianos

PEKIM, 5

O ministro da Italia entregou no ministerio dos Negocios Estrangeiros chinês, a resposta dada pelo corpo diplomatico ao protesto formulado pela China, relativamente aos incidentes de Changhai.

A resposta deplora os factos que se deram, e declara que os grupos de manifestantes, ao distribuirem as brochuras subversivas, os xenofobas, se recusaram a obedecer ás ordens de dispersar, que atacaram a policia e que tentaram assaltar um posto de policia, a qual teve então, que fazer uso das armas.

A resposta torna os manifestantes responsaveis pelas factos que se deram, e termina, dizendo confiar em que o governo chinês se esforçará por restabelecer a ordem e a tranquilidade no mais curto praso de tempo possivel. — (H.)

100.000 operarios
estão actualmente em greve

Os circulos estrangeiros continuam vendo com ansiedade o desenvolvimento da situação geral.

O embaixador dos «soviets» em Pekim, enviou um telegrama de simpatia aos revoltosos.

As embaixadas e legações estrangeiras estão fortemente guardadas.

Em Changhai, as ruas estão patrulhadas por carros armados, elevando-se ali a cem mil o numero dos grevistas.

Em Cantão, os agitadores continuam a fomentar a revolta contra os estrangeiros, procurando alastrá-la a Nankin. O consul inglês pediu que sejam para ali enviados dois mil homens. — (L.)

A situação
continua sendo muito grave

Em consequencia do protesto chinês contra as operações da policia internacional de Changhai, o ministro italiano entregou uma nota ao governo chinês, afirmando que as responsabilidades pertencem aos insubordinados.

Chegaram a este porto dois cruzadores ingleses para assegurarem a manutenção da ordem.

Os operarios chineses proclamaram a greve geral e a «boycottagge» ás mercadorias europeias.

A situação continua sendo grave.—(L.)

As grandes produções

Lucrécia Borgia

Esta grande super-produção de Richard Oswald que constitue, actualmente, o grande sucesso do Cinema Condes, além dos explendores da sua «mise-en-scéne» em que se reconstitue com toda a fidelidade e luxo, o Vaticano em plena Renascença, época de brilho sem egual, os festins lendarios dos Borgias, os crimes e infamias de César Borgia, duque de Gandia, e outros episodios historicos de grande relevo, avulta a superior interpretação de artistas como Conrad Veidt no «César Borgia», Liane Haid na protagonista, Albert Bassermann no «Papa Alexandre VI. Borgia» e Paulo Wegener no «Michellotte». E' um incontestavel acontecimento de grande arte.

Chapeus Modelos
OS MAIS CHICS são os da MANON
Rua João Crisostomo, 115, 1.º
Telefone N. 5551

Brum da Silveira
Cirurgião dentista
L. Conde Barão, 12, 2.º—Telef. 1902 L.

FRANÇA

Prisão em Marselha duma mulher
acusada de espia

MARSELHA, 5—Em virtude de instruções governamentais e prefeitorais, a policia especial de Marselha exerce desde algum tempo uma vigilancia mais aturada sobre os elementos comunistas, principalmente sobre os das juventudes, cuja propaganda redobrou com a partida das tropas para Marrocos.

A bordo do paquete «Anfa», que seguia para Marrocos, foi presa uma mulher, Claire Espereu, que recebia em sua casa, vindos de Paris, pacotes de panfletos de propaganda editados pelo «Comité revolucionario dos soldados de Marrocos», e trazendo em arabe este apelo: «Mahomet de Marrocos, ajuda-nos!» A busca em casa de Claire Espereu, determinou uma outra no domicilio dum comunista escultor, onde foram apreendidos cerca de cem quilos de panfletos no mesmo genero, intitulando-se uns «Fraternizai!» e outros «Camaradas soldados!».

Em casa deste comunista foram ainda encontrados documentos bastante importantes de ordem militar, tais como: uma carta informando da partida de Toulon de tal companhia, com o numero exacto de metralhadoras, o numero de peças de artilharia e o numero de oficiais.

O autor da carta dava ainda indicações sobre a propaganda a fazer junto destas tropas.—(H)

Morte de um português
num choque de automoveis em Versailles

VERSAILLES, 5. — Deu-se um accidente de automoveis no cruzamento da estrada de Survilliers com o caminho de grande comunicação n.º 16, no territorio do Louvree.

Chocaram dois automoveis, um dos quais pertencia ao sr. Tournay, do Roye, e o outro ao sr. Lescuyer, residente em Veimars.

Entre os cinco viajantes que ocupavam o carro do sr. Tournay, ficou morto o português Antonio Brito, casado, com cinco filhos, natural de Braga, onde reside sua mulher, e que trabalhava em Roye, na empresa Tournay; um outro ficou mortalmente ferido, e três outros ficaram mais ou menos gravemente feridos.

Os passageiros que ocupavam o outro carro ficaram ligeiramente feridos. — (H.)

Uma chuva
de moedas de ouro de cinco francos...

LILLE, 5.—Passando na rua de Chonzy, em Caudry, alguns transeuntes receberam inesperadamente, vinda duma janela, uma chuva de moedas de ouro de cinco francos, lançadas pelo inquilino do predio, Edouard Beauvillann, de 65 anos de idade, que, depois de ter sido examinado por um medico, recolheu a um instituto de alienados.—(H.)

Os "soviets"
e as exposições de artes decorativas

PARIS, 5.—Na inauguração do pavilhão dos «soviets», na exposição de artes decorativas, os comunistas que estavam presentes deram vivas aos «soviets», motivo por que o ministro da Instrução Publica, sr. de Monzie, mandou interromper as visitas ao pavilhão.—(H.)

30 prisões
á saida duma reunião

PARIS, 5.—A' saida de uma reunião dos «camelots» do rei, a policia deteve trinta, por serem portadores de armas, e encontrou na sala mocas e revolvers abandonados.—(H.)

ANGORA, 5.—O governo resolveu mandar encerrar as secções do partido progressista pelo motivo de tratarem de questões religiosas e de lutas politicas.—(H.)

TANGER. 5.—As tribus Djebalas, tendo em vista que Ab-el-Krim caminha para a derrota, recusam-se a fornecer-lhe contingentes.—(H.)

PARA SEU INTERESSE... Deve ver o magnifico sortido de malas e carteiras e mais artigos em couro, que tem Bastos Silva, Lda. :-: :-: Rua de S. Nicolau, 81. :-: :-:

Mobilias de verga da Ilha da Madeira
Recebeu um grande e variado sortido de fauteuils, cadeiras, ditas para viagem, sofás, mesas e mobilias completas para sala, saleta, etc.
Importante — Não confundir estas nossas mobilias com as que são feitas no continente, as quaes são vendidas como se fossem da *Ilha*, quando afinal não o são. As mobilias de verga feitas no continente em nada se parecem com as da *Ilha*, tanto no bem acabamento como em elegancia e solidez.
M. F. Camacho, Suc.
Travessa do Cais do Tojo, 10 a 18
Ao Conde Barão
Frente á Pastelaria Inglesa

DO BRASIL

o o o

Na "Casa de Portugal,, vão acolher-se mais de 20.000 portugueses

RIO DE JANEIRO, 5

A ideia da fundação da «Casa de Portugal» está despertando cada vez maior entusiasmo, vindo a iniciativa a ser tratada vivamente desde ha muito em todas as colectividades portuguesas, como se sabe. A comissão organisadora começou a distribuir pelos centros regionais da colonia 20.000 listas para inscrição de socios, as quais não podiam ter melhor acolhimento. — (A.)

A recepção
ao «boxeur» Tavares Crespo

RIO DE JANEIRO, 5

Chegou Tavares Crespo que foi recebido por muitos membros da colonia portuguesa e pelos delegados das associações desportivas. Está-se preparando um encontro entre o conhecido pugilista português e o campeão do Brasil, de peso leve, Claudio Nevelli, conhecido pelo «Carpentier nacional», e considerado uma das futuras glorias do «box» da America do Sul. Crespo, que tem sido entrevistado pelos jornais, declara-se satisfeito com a prespectiva de se bater com o Novelli, cujo valor não desconhece. Ha o maior interesse á volta deste desafio que deve realisar-se ainda este mês, provavelmente no grande «stadium» do «Fluminense Foot-ball Club». — (A.)

RIO DE JANEIRO, 5

A bordo do «Arlanza», embarcaram para a Europa, onde vão tomar parte em diversos congressos scientificos, o conhecido astronomo Henrique Mouze, director do Observatorio do Rio de Janeiro, e os drs. João Ribeiro e Aarão Reis, respectivamente professores do Colegio «Pedro II» e da Escola Politecnica.—(A.)

RIO DE JANEIRO, 5

A população da localidade suburbana de Manureira, inaugura no proximo domingo um monumento em bronze, aos dois herois da travessia aerea do Atlantico, Gago Coutinho e Sacadura Cabral. — (A.)

RIO DE JANEIRO, 5

O novo jornal de Irineu Marinho, ex-director da «Noite», chamar-se-ha «O Globo». O titulo foi escolhido por concurso popular. — (A.)

Restaurant Bacalhau
A's portas de Bemfica
Este conhecido e acreditado retiro, incontestavelmente o melhor dos arredores de Lisboa, mantem um magnifico serviço culinario á portuguesa, possuindo optimos vinhos de mesa na sua adega propria.
Sendo explendidas as instalações desta casa, tais como: grande terrasse ao ar livre, explendida sala de jantar, optimos gabinetes reservados e magnifica adega, é a preferida por quem deseja jantar bem e beber do melhor vinho, sendo muito modicos os seus preços de lista.
Aos domingos explendida musica.
Tomam-se encomendas para banquetes, baptisados e casamentos.

MAPLES HA SEMPRE GRANDE VARIEDADE, DE OPTIMA CONSTRUCÇÃO. PREÇOS REDUZIDOS.
25-A—R. Luz Soriano—27. 1.º. E. (Ao Calhariz)

SCALABITANOS
Deliciosissimos licores! Soberba apresentação
DEPOSITO GERAL Telef. C. 119
RUA AUGUSTA. 70. 2.º

MAPLES POR CONTA DO FABRICANTE, FAZEM-SE DIVERSOS FABRICAÇÃO GARANTIDA
182—RUA DA ROSA—190

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
Londres, cheque	—	98 50
Paris	—	1 00
Madrid	—	2$96
New-York	—	20$27
Amsterdam	—	8$16
Suiça	—	3$94

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
Bruxelas	—	$77,5
Italia	—	$81,5
Praga	—	$61
Brazil	—	2$20
Libra esterlina	100$00	106$00
Agio do ouro	—	—

ORDEM PUBLICA

TRES
atentados
estavam planeados
para esta semana

Estavam planeados para ontem atentados contra a vida do Presidente do Ministerio, do capitão Cunha Leal e do major Viriato Lobo. O chefe Xavier mandou prender os implicados no caso e deu conhecimento dele ao Presidente do Ministerio e aos directores da Policia de Investigação Criminal e da P. S. E., a quem pediu autorisação para tratar do caso, o que lhe foi concedido.

O sr. dr. Domingos Pereira, presidente da Camara dos Deputados, tambem recebeu um oficio do chefe Xavier, comunicando lhe o que planeava.

Imediatamente, foram vigiadas as residencias das pessoas contra quem se planeavam os atentados, tendo a policia tomado posições na Penha de França e Quinta dos Peixinhos, para a captura dos criminosos.

Foram presos, quando saiam duma taberna, Rodrigo Rodrigues, Domingos Pereira, José Rodrigues, Augusto Moreira, Francisco Ramos Graça, José Pereira Marques, Severiano Faria Coelho, João Costa, Augusto Pedro de Oliveira e Francisco Alves Quintão.

Foram conduzidos para a esquadra das Monicas, donde mais tarde seguiram para o Governo Civil.

Na rua Penha de França, alguns populares pretenderam dar fuga aos presos, mas o agente Otelo ameaçou-os de fazer fogo contra eles, caso se aproximassem.

Parece, que o principal instigador dos atentados foi o manipulador de pão Domingos Pereira. A policia ainda não interrogou os presos.

A' hora a que escrevemos, a policia está procedendo a uma diligencia importante para a descoberta do local onde deve estar escondido grande quantidade de material.

* * *

Durante a noite passada, não houve qualquer alteração de ordem publica, sendo completo o socego em toda a cidade. A prevenção da policia acabou hoje, pelas 9 horas da manhã.

TEATRO NOVO

A peça
"Knock,,

(*Continuação da 5.ª pagina*)

deu a ilusão dum verdadeiro medico; a outros, a dum farçante. Estou em crêr que o pensamento de Romains não é uma certesa — é uma duvida, duvida que a scena final de autosugestão regista e acentua.

Não concordo com a rotunda do primeiro acto. Antonio Ferro sabe tão bem como eu, que os panos negros são aplicados sómente quando o espirito da obra assim o exige. Dizem me que foi essa a interpretação que lhe deram em Leipzig. Para imitar qualquer, porque não imitar a que lhe deram em Paris os seus criadores? Gil Ferreira teve um ultimo acto admiravel de sobriedade. A sua ironia reflectia-se no publico, como num espelho que não tivesse uma imagem: a do artista. Era assim que eu gostaria de ter visto Joaquim de Oliveira, que, marcando demasiadamente certos esgares e gestos equivocos, como no segundo acto, deu á plateia a impressão de ter compreendido o seu papel pelo lado mais facil. Os outros interpretes, com uma densidade de inteligencia verdadeiramente notavel na concepção das figuras. Scenarios do 2.º e 3.º actos bem temperados de luz e de côr. O espectaculo fecha com o bailarino Florencio, cujo trabalho, embora esteja fora dos limites da minha sensibilidade, é apreciavel. A decoração do Teatro Novo, de José Pacheco, é vistosa e magnificente de efeitos.

Artur Portela

ANTONIO CARLOS BARBOSA
Advogado
JOÃO BERNARDO DA VEIGA, J.or
Solicitador encartado
R. Nova do Almada, 81, 1.º andar — Telefone C. — 2234 —

A TARDE PARLAMENTAR

CONTINUOU
a discussão
sobre o caso de Macau

A's 3,30, como não houvesse na sala quaisquer sinais de começo dos trabalhos, o sr. Francisco Cruz e mais uma data de parlamentares, deram em protestar em tom de gracejo, afirmando com a voz e com os tampos das secretárias que eram horas de levantar o pano.

—Estão fatigados!

—A sessão é amanhã no liceu Camões!

—Vá lá de má lingua!

O Paulo Freire, que tem fama de maldizente, meteu tambem o seu remoque, emquanto o sr. Lucio Martins, a bater no abdomem e a dizer que lhe doía a Republica, ia clamando contra a maneira quasi inquisitorial como estão sendo tratados os presos politicos em Santarem:

—Lá é que o governo vai cair!

—Uuh! Não me cheira! Parece que você se engana...

—Ele virá cair aqui; mas lá no Camões é que apanha a chumbada.

Barulho; maré alta de palavreado; a voz do secretario chamante mal se ouve na balburdia do cavaco.

* * *

Tem a palavra o sr. João Camoezas. Não está. Vão chamá-lo. O ilustre parlamentar vem, açodado, pela esquerda; esgana no tapete uma beata magra fumegante; instala-se na coxia do seu sitio; tosse; toma atitude oratoria; e... declara desistir da palavra.

O sr. Tavares de Carvalho aproveita a maré e pede pão com carne em nome dos consumidores espoliados. Setubal—diz—está sem farinha, á mercê dos moageiros que constante e permanentemente abusam da sua força sugando centavos e envenenando as pessoas.

Fala das carnes frias; regista, esperançado, que o sr. ministro—cuja energia ele orador tem presenciado ser de molde a meter medo a todos—providenciará no sentido proprio; tanto mais que os carneiros e as vacas baixaram nas provincias e subiram em Lisboa, com manifesto e intoleravel sacrificio da população.

O sr. ministro levantou-se no seu logar, fez uma cortezia ao orador surdinando palavras amaveis, e, segundo corre nos meios parlamentares, acabou por prometer providencias para logo... que as circunstancias forem propicias.

E teve a palavra, mais uma vez, o deputado sr. Rodrigo Rodrigues. E', ainda, a questão de Macau.

Silencio. O sr. dr. Brito Camacho instalou-se perto do orador; o sr. dr. Ferreira de Mira localisou-se na rectaguarda dele; o sr. dr. Domingos Pereira tocou a campainha com certo nervosismo; e o ex-governador de Macau, avisando que ia depurar as arguições do ministro das Colonias, no maçarico forte da verdade, contou, apodando-o de tetrico, o caso de um edificio escolar que o sr. Correia da Silva aproveitou para instalar na colonia uma Companhia de Landins.

O discurso impressiona pelo tom sincero de patriotismo que destaca o pensamento do orador.

—O grande crime do governador de Macau—exclama—consistiu em restituir o colegio a quem ele pertencia de direito, para lá instalar a escola de educação que tanta falta faz aos interesses de Portugal!

—Não pode ser!—põe, indignado, o sr. dr. Domingos Pereira, a martelar com a campainha a mesa da presidencia, em sinal de protesto contra a desatenção da sala.

O orador:

—Diz o sr. ministro das Colonias que tem em sua casa homenagens dos chinezes. Eu não as tenho. E não as tenho porque nunca as quiz receber, e porque até proibi os funcionarios meus subordinados de as receberem tambem. Como ha de interpretar-se em face disto a ordem que me foi transmitida pelo ministerio das Colonias de não receber quaisquer presentes da China? Tal determinação representava, acima de tudo, um enxovalho feito á dignidade do governador!

Ainda a proposito de presentes:

—Um dia, pouco depois da minha chegada a Macau, apareceu no palacio do governador alguem que era portador de fabulosos presentes. Não eram meus amigos pessoais os ofertantes; eram companhias concessionarias que assim pretendiam presentear-me. Estranhei o caso e recusei-me terminantemente a aceitar as riquesas que me ofereciam. Pois foi um espanto, porque, segundo a explicação que me foi dada, era aquele um costume já velho na colonia!

A's 17,30 o discurso continua com todo o aspecto de se prolongar por longo tempo.

A "NOBRE ARTE"

O "boxeur" Kid Augusto
MORREU
devido a uma cabeçada

Esta manhã começou a correr nos meios desportivos, a noticia de que falecera, no Hospital de São José, o «boxeur» negro Augusto dos Santos Junior, que usava o nome de Kid Augusto. E dizia-se que essa morte se dera em consequencia dum sôco vibrado no combate que ontem se realisou no Coliseu. Afinal, de nada disso se tratava.

O distinto «sportsman» sr. Carlos Oscar da Silva, que é o presidente da Federação Portuguesa de Box, esclareceu-nos o caso da morte do infeliz «boxeur» negro:

—Kid Augusto bateu-se ontem com o francês Piotin, menos pesado do que ele. Levou numerosos sôcos e alguns deles muito fortes. Mas o «box» é aquilo...

—Mas a morte não foi produzida por esses sôcos?

—Não foi. Kid Augusto morreu em consequencia duma fractura de craneo. O caso passou-se assim: Terminado o «match», o infeliz «boxeur» foi a correr para o palco. Mas, como ia muito atordoado, não reparou na porta de ferro, e, sem querer, deu-lhe uma forte cabeçada, ficando com o craneo fracturado e caindo sem fala. Essa porta ainda está salpicada de sangue, como se póde ver...

—E a opinião dos medicos qual é?

—Ambos os «boxeurs», quando do combate, estavam em condições normais. E os medicos estão convencidos de que a morte foi devida á cabeçada. De resto, a autopsia, amanhã o dirá...

MANUCURE
só para senhoras
Perfumaria Flor de Lis, Limitada
RUA NOVA DO ALMADA, 83

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
COM AGENTES NO BRASIL
Consultas das 10 ás 11 e das 15 ás 17.
R. DOS FANQUEIROS, 114

O DIA POLITICO

DUAS
questões
fazem correr perigo
a vida do governo

Porque não quererá hoje o governo que haja sessão na Camara? E' facil responder. Duas questões, a questão Rodrigo Rodrigues e a questão da politica geral preocupam, e põem em risco de vida, o ministerio Vitorino Guimarães. Além disso, dizia-se que alguem, no Parlamento, interrogaria hoje o governo sobre as prisões desta noite, em que amigos do sr. Antonio Maria da Silva foram presos por se encontrarem *conversando* em Algés. Tudo isto levou o governo a fazer as maiores diligencias para que não houvesse sessão em S. Bento, o que, á hora a que escrevemos, parece confirmar-se, pelo menos pela ausencia quasi completa de quasi todo o ministerio.

* * *

E' certo ser muito menos numerosa a concorrencia ao Congresso do P. R. P. Deverá ter, quando muito 1200 a 1500 congressistas, se tiver, e na sua grande maioria por simples delegação. Isso, porém, não impedirá que as sessões decorram com grande vivacidade e por vezes com desusada agitação. As fundas divergencias que existiam, agravaram-se de ontem para hoje por motivo das prisões efectuadas e devem dar de si, por tal forma, que se reputa como inevitavel a queda do governo logo a seguir ao congresso partidario.

* * *

Afinal o diabo tece-as. Apesar do governo não ter querido sessão, as demoras do sr. Alberto Vidal e os interesses de alguns projecticulos, fizeram com que, com numero e sem numero, as discussões se arrastassem até á ordem do dia, hora a que chegou á camara o sr. presidente do ministerio. E entrou-se logo no caso de Macau, que ainda hoje não fica resolvido.

A TRAGEDIA DO HOTEL PENINSULAR

Sôbre o caso da morte do sr. Joaquim de Sousa Santos, guarda-livros da Companhia de Diamantes, depois de ter sido burlado pelo processo do «conto do vigario», e do enlouquecimento de sua esposa a sr.ª D. Mariana da Costa Carneiro de Sousa Santos, averiguámos que a burla não foi de 32 contos, mas sim de 15:000 escudos e o caso ocorreu no dia 28 do mês passado, sendo a queixa entregue no dia 29 ao chefe Murtinheira, que ordenou que o agente Moreira procedesse ás respectivas investigações. No mesmo dia foi ouvido o sr. Santos, que se encontrava hospedado no hotel Peninsular, no Poço do Borratem, indo ali encontrá-lo doente no ultimo grau de tuberculose. Mostrou-lhe algumas fotografias de vigaristas conhecidos, não tendo o sr. Santos reconhecido nenhum daqueles que o burlaram.

O sr. Santos faleceu no dia 31, não vitima do «conto do vigario», mas sim da doença de que sofria, sendo verdade sua esposa ter enlouquecido.

DE LUTO
D. Maria Luiza Luz da Gama

Sucumbiu esta madrugada aos estragos de um ataque de diabetes, a sr.ª D. Maria Luiza Luz da Gama, esposa do sr. Luiz da Gama, presidente da Associação de Agricultura.

A ilustre extinta, filha dos falecidos viscondes de Coruche, erá dotada de um coração bondosissimo e afavel, sempre pronta a fazer o bem. Era uma verdadeira santa. A sua morte inesperada vem enlutar algumas das principais familias da nossa aristocracia.

O «Diario de Lisboa» apresenta a toda a familia enlutada, em especial a seu marido o sr. Luiz da Gama e a seus filhos, as suas sentidas condolencias.

Uma exoneração

Vai ser exonerado de director do Tiro Naval, o capitão de mar e guerra sr. João Manuel de Carvalho.